



CORDÉIS INFANTIS: QUESTÕES DO COTIDIANO EM CENA

Maria Suely da Costa (autor); Eduardo de Jesus Avelino do Nascimento (co-autor)

Universidade Estadual da Paraíba; mscosta3@hotmail.com; eduardo_jesus29@hotmail.com

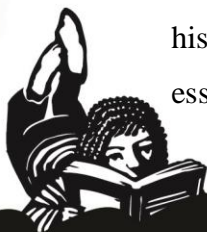
Resumo: O objetivo deste estudo está em mostrar parte de uma pesquisa que analisa em textos de cordéis infantis, de autoria de Jarid Arraes, com foco para as formas de representações identitárias frente às formas de exploração, preconceito e discriminação em questões presentes no cotidiano. A leitura é essencial para construção da personalidade e para o desenvolvimento intelectual, ético e estético da criança como ser humano. Para tanto, fará parte, dessa dinâmica de análise, a construção discursiva em função da concepção e reconhecimento das diversidades étnico-racial e de gênero. As diretrizes teórico-metodológicas que dizem respeito à literatura infantil e popular, à representação social, identidade, gênero e etnia. O texto literário é portador de muitos sentidos e significados, e traz em si, elementos importantes para a formação dos indivíduos. Quando entramos em contato com a literatura, aguçamos a nossa imaginação, afetividade, incertezas, questionamentos sobre a vida e o mundo. Sendo assim, a escola tem como um de seus papéis fundamentais a formação do leitor, e os textos literários são de extrema importância para auxiliar nessa construção, pois nela a criança ocupa o espaço privilegiado de acesso à leitura crítica. Em sala de aula, é pertinente que o professor introduza na sua prática pedagógica a literatura infantil e que a mesma disponha de informação que venha a contribuir para o desenvolvimento da criança, estimulando o aluno a buscar diferentes caminhos para as resoluções de problemas.

Palavras-chave: Cordéis Infantis, Representação, Ensino.

Introdução

O texto poético possui peculiaridades como, por exemplo, possibilitar as pessoas a criar e recriar mundos, além de descobrir outros significados para uma palavra que, carregada de musicalidade, desperta a emoção, a criatividade. Segundo Yunes (2010), a literatura aproxima as crianças das experiências humanas e das reflexões sobre a vida, oferecendo um processo em que elas vivenciam, pelas experiências captadas no espelhamento com o outro, que os ajudam a tomar decisões, a fazer escolhas, a criticar a realidade e a entender melhor as relações humanas.

Hoje em dia, assiste-se a uma transformação não só do veículo de publicação dos textos de cordéis (impresso e virtual), como também dos temas, voltados, por exemplo, para histórias sobre casos e personagens presentes no cotidiano, o que torna possível afirmar que essa literatura tem sido, na vida cultural brasileira, um elemento importante para





VII ENLIJE

configuração identitária de vários setores nacionais. A literatura de cordel tem conquistado muitos admiradores ao longo dos anos, tanto pelos trabalhos artísticos tanto pelo conteúdo de seus poemas, que pode contemplar desde acontecimentos cotidianos, datas comemorativas até temáticas infantis.

Dentre as temáticas abordadas pela literatura cordel, é possível identificar as marcas de um discurso fortemente questionador e propenso à construção/reconstrução de uma representação de uma identidade de configuração positiva. Tais aspectos são notáveis em produções da cordelista cearense, Jarid Arraes, escritora comprometida com projetos sobre direitos humanos, atuando como jornalista na *Revista Fórum*, numa coluna semanal intitulada “Questão de Gênero”. Jarid Arraes trabalha com publicações de artigos nos quais escreve a respeito da educação popular e cidadania, diversidade sexual e de gênero, direitos e questões raciais.

Mostrar parte de pesquisa PIBIC/IUEPB é o objetivo deste trabalho que traz como mostra três dos seis folhetos de cordéis infantis, de autoria de Jarid Arraes. Referimo-nos, especificamente, aos poemas *A lição que Sarinha deu em Zébedeu* e *As mães de Karina*. Ambos com foco para as formas de representações identitárias de luta e resistência postas em evidência frente às formas de exploração, preconceito e discriminação em questões presentes no cotidiano em torno da figura da criança.

Habermas (1983), discutindo o processo de construção da identidade, tanto individual quanto coletiva, vai salientar o fato de que ambas passam por um processo de desenvolvimento que, em seu ápice, deve se caracterizar pela autonomia, pela consciência, pela corresponsabilidade, tanto sobre a história pregressa como futura. Essa identidade emancipada, competente nos usos da comunicação, descentrada de si e aberta a princípios universais é denominada por Habermas de identidade “pós-convencional”. Por sua vez, Hall (2003) orienta que devemos pensar a identidade não como fato já concluído, mas como uma produção sempre em processo, constituída dentro da representação social.

Estudar a respeito dessas representações em torno da personagem infantil contribuiu para que identificássemos a literatura de cordel sob uma ótica mais contextualizada e transformadora em sua relação com questões do cotidiano. Implicou ainda buscar compreendê-la inserida em uma ação educativa, comprometida com a construção de uma sociedade democrática, preocupada com os aspectos em relação às histórias de vida, à diversidade étnico-racial, cultural e social. A discussão sobre identidade tem possibilitado compreender qual o lugar destinado à criança nessa sociedade marcada pela desigualdade e





VII ENLIJE

pela exclusão social, de modo a olhar a infância face as suas reais condições de vida, considerando-a no seu cotidiano.

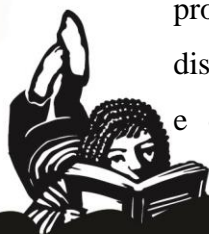
Metodologia

A leitura e análise dos textos de cordéis com representação da criança se caracterizou em identificar os sistemas simbólicos de representação de questões de preconceito e resistência. Para tanto, nesta pesquisa em torno do texto literário de cordel, contamos com o apoio de uma base teórica específica sobre essa discussão, de modo compreender o sistema de significações e de representações culturais atuantes na matéria poética em questão.

Em função disso, a metodologia de estudo de caráter bibliográfico, teve por base pressupostos teóricos da literatura e da teoria literária, uma vez que se manuseia o texto de natureza literária; compreendendo-se aí que as determinações da realidade são os pressupostos da arte, cabendo, pois, à análise literária esclarecer como um sujeito histórico reflete uma realidade também histórica (MAGALHÃES, 2005). Desse modo, significativas foram as referências a respeito da pluralidade cultural, principalmente as formulações teóricas sobre o multiculturalismo, particularmente para se compreender os potenciais e limites dessa abordagem para a construção da identidade étnica e sua afirmação.

Colaboraram também, com esta pesquisa, os pressupostos teóricos referentes à representação social, tendo em vista que esta se desenvolve no próprio processo de interação social, particularmente, naquelas situações relativas à difusão dos conhecimentos artísticos e científicos e estudos culturais. A compreensão é de que Literatura de Cordel, em particular a infantil, pode perfeitamente contribuir para uma educação voltada para a realidade, na medida em que apresenta ao leitor uma visão de mundo. Esta visão pode se assemelhar ou não à sua, contudo tende a suscitar variados questionamentos que podem levar a uma reflexão sobre o contexto vivido, assim como sobre a posição do outro nesse mesmo contexto.

Nesse sentido, apreender o mundo popular significa mergulhar nos significados produzidos pelos objetos sociais no interior de determinado grupo social. O cordel, como um sistema de símbolos articulados, é uma forma ampla de conhecimento que encerra outras formas de saber como teorias de senso comum. Essas teorias podem ser chamadas de representações sociais, que se configuram como sistemas de interpretação da realidade que produzem e se constituem de valores, crenças e atitudes primordiais na construção e disseminação de representações (MOSCOVICI, 1978; JODELET, 2001; CHARTIER, 1990), e dos estudos sobre a teoria a partir de Sá (1996; 1998) e Madeira (2003), cujas





“representações sociais permitem ao pesquisador aproximar-se do objeto definido, no próprio dinamismo que o gera, articulando dimensões e níveis que, tradicionalmente, vinham sendo tomadas como de forma isolada ou estática”.

Acrescentam-se ainda, dentre os referenciais de apoio à pesquisa, os estudos sobre a literatura a partir da história cultural e da literatura brasileira, tendo por foco aqueles estudos que problematizam as relações entre literatura e sociedade. Assim também necessários estudos específicos à literatura popular e à literatura de cordel, além dos referenciais que discutam questões de gênero e identidade.

RESULTADOS

A lição que Sarinha deu em Zébedeu: universo infantil em torno dos gêneros

A análise dos folhetos *corpus* desta pesquisa possibilitou identificar, na estrutura textual, elementos de representações identitárias de gênero como forma de resistência às formas de preconceito e discriminação. O cordel *A lição que Sarinha deu em Zébedeu* está formado por 29 estrofes, em versos de 07 sílabas poéticas, pondo em evidência a perspectiva do universo infantil em torno da convivência dos gêneros masculino e feminino. As problematizações sobre o que cabe a cada gênero acabam por atingir as crianças e os jovens que, apesar da pouca idade, sentem o peso da discriminação imposta culturalmente por alguns setores da sociedade. No poema, Sara é uma menina marcada por vários predicativos: “espertinha”, “animanda”, “inteligente”, “sapequinha”, “firme de postura”, “tem personalidade”, “brava”, “corajosa”, “forte” e “vigorosa”. Porém, o “novato da turminha”, Zébedeu, que queria sempre ser “o centro de atenção” e “líder”, tratou de agir, pois “Não achava que era certo” / Sara ser a maioral”. Isso porque:

Zébedeu tinha aprendido
Que menina era monlega
O seu pai tinha ensinado
Já querendo essa arenga
Dizendo para o seu filho
No mais feio lengalenga.
(...)
Quando Zébedeu viu Sara
Toda esperta e liderante
Ficou muito incomodado
Querendo ser o dominante
Se lembrando do ensino
Que menino é reinante





VII ENLIJE

(ARRAES, 2014a, p. 3-4)

As duas estrofes representam um quadro de costumes, certezas e incomodações na percepção do jovem Zebedeu. Com base na padronização dos comportamentos que são estimulados ou podados de acordo com o gênero, pode-se afirmar que durante o processo de socialização, as crianças aprendem com outros membros mais experientes do contexto familiar, escolar, etc. a serem sujeitos. Contudo, é importante considerar que essas relações construídas socialmente, do mesmo modo que podem ocorrer de forma saudável, respeitoso, podem ainda, desenvolver-se legitimando preconceitos, atingindo pessoas e grupos que ocupam os mesmos espaços sociais. A discriminação ocorre quando os preconceitos são exteriorizados em atitudes ou ações que violam os direitos das pessoas com base em critérios injustos (que podem ser não só de raça mas de sexo, idade e religião, entre outros).

O poema acaba chamando a atenção para as relações de (des)igualdade entre os gêneros. Após vários episódios de enfrentamento, o menino concluiu e disse muito convencido: “Pai você se enganou / pois menina era forte / Isto ele comprovou”. O poema conclui no sentido de desconstruir estereótipos negativos sobre o gênero feminino e a ideia igualdade entre os gêneros.

Os conceitos de gênero, raça e etnia ao serem trabalhados na sala de aula, por exemplo, em uma perspectiva da valorização da(s) identidade(s) dos múltiplos sujeitos que convivem no mesmo espaço da escola, devem ter um posicionamento político, a fim de desconstruir os estereótipos e os estigmas que foram atribuídos historicamente a alguns grupos sociais.

Em função disso, é importante verificar que gênero é uma categoria de análise que precisa ser problematizada, para abolir dicotomias entre homens/mulheres. Contudo, somente os estudos de gênero não rompe com as históricas desigualdades das mulheres, pois não identifica claramente os sujeitos das opressões. É necessário, pois, relacionar com as bases materiais e ideológicas do sistema patriarcal-racista-capitalista, que acabam produzindo relações sociais desiguais de classe, raça e sexo (CISNE, 2014). Em que através dessas dimensões, identifica as mulheres como sujeitas que sofrem as opressões e vivenciam as relações desiguais do patriarcado nas suas vidas.

No regime patriarcal, a mulher era definida como “sexo frágil” e o homem o “sexo forte”, tornando, assim, por muito tempo, a submissão da mulher, sendo que “a etiqueta, no sistema patriarcal brasileiro, a idolatria à fragilidade da mulher, tudo parecia denotar o gosto

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

dos homens pela diferenciação e, em última instância, reforçar os conceitos de sexo forte, nobre e dominador”. Ideia essa ainda representada no poema pelo Zebedeu.

A concepção dos gêneros como se produzindo dentro de uma lógica dicotômica implica um polo que se contrapõe a outro (portanto uma ideia singular de masculinidade e feminilidade), e isso supõe ignorar todos os outros sujeitos sociais que não se “enquadram em uma dessas formas. Romper a dicotomia poderá abalar o enraizado caráter heterossexual que estaria, na visão de muitos/as, presente no conceito de “gênero” (LOURO, 1997, p. 34).

Mesmo com todo esse processo evolutivo dos tempos atuais, a mulher continua a sua luta para garantia de maior igualdade perante aos homens, para conquista de maior espaço. O texto de cordel citado vem chamar a atenção para as diferenças entre meninos e meninas. No contexto de sala de aula, uma discussão nesse campo se torna relevante considerando que ambos os gêneros estarão envolvidos nas brincadeiras no âmbito escolar, pois sabemos que a escola é um local em que as crianças estão inseridas desde seus primeiros anos de vida e que contribuí para a formação de suas identidades e formas de ver e se posicionar no mundo.

Para Anete Abramowicz (2006, p.12) “diversidade pode significar variedade, diferença e multiplicidade. A diferença é qualidade do que é diferente; o que distingue uma coisa de outra, a falta de igualdade ou de semelhança”. Nesse sentido, podemos afirmar que onde há diversidade existe diferença, e nisto consiste a semelhança entre todos.

Sabemos que a cultura letrada desenha perfis e normas comportamentais e as culturas populares e intelectuais interagem de modo que a literatura se torna um veículo de transmissão e construção de ideias e valores que compõem a história do nosso país. Conforme Candido (2011), a literatura é vista como instrumento que desmascara situações em que os direitos estão restritos ou negados. Tal pressuposto corrobora ao fato de que por muitas vezes a discriminação está velada, podendo em algumas ocasiões passar despercebido.

O texto poético estimula a fantasia. Gonçalves (2009) acredita que o bom trabalho com a poesia se dá através da transmissão de sentimentos, que pode surgir da junção dos elementos estruturais aos elementos poéticos (sensibilidade, criatividade, fantasia e emoção). Para a autora, a poesia no contexto infantil ajuda na construção da personalidade da criança uma vez que ela permite a comunicação da criança com a realidade, ampliando o entendimento de si e a experiência do mundo através da palavra. Uma vez que,

Na leitura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. É a mais que dá por que a literatura é uma experiência a ser realizada. É a mais que dá

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. (COSSON, 2016, p. 17)

Na relação posta entre literatura e sociedade não são poucos as temáticas sociais que são tomadas como matéria literária. A linguagem da literatura pode contribuir para a reflexão e, possível superação de preconceito, discriminação e intolerância que ocorrem no espaço social. Aspectos estes criados e consolidados nas elaborações que os indivíduos fazem de si, dos outros e da cultura, e que contribuem para compor uma identidade, a exemplo de gênero.

No cordel intitulado *A menina que não queria ser princesa*, tem-se a trama em torno da tentativa de fazer Tereza, personagem central, adaptar-se aos modos de outras meninas. Porém, Tereza gostava de correr, usar bermuda, de brincar de futebol, bola de gude, até que um dia foi castigada pelo jeito de ser. Ao ver a tristeza da filha, a mãe percebe o erro e volta atrás na decisão:

Conversou com o marido
E impôs sua conclusão
Tinha mudado de ideia
Não aceitaria “não”
Pois estava decidida
Com uma forte opinião.

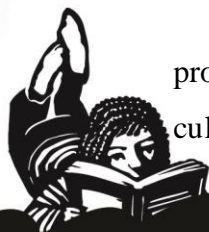
Foram contar pra Tereza
Que tudo podia fazer
Rolar, pular e dançar
Escalar, cair e correr
E se gostasse de princesa
Isso também podia ser.

A menina deu um pinote
Correu pra pegar a bola
Era feliz dia e noite
Fosse em casa ou na escola
Era alegre o tempo todo
De bermuda ou camisola.

(ARRAES, 2014e, p. 5-6)

Observa-se no cordel um posicionamento de aceitação do jeito da menina querer ser e não gostar apenas de brincadeiras de bonecas. Neste, nega-se o estereótipo de princesas da era clássica que espera o príncipe e não tem muita iniciativa, apenas recebem as consequências das ações de outras pessoas. Além de criticar o padrão de beleza Barbie, enaltece aspectos da mulher ser completamente independentes, curiosas e idealistas.

Do ponto de vista da recepção, Alves (2008) discute que é a literatura de cordel proporciona uma ampliação do entendimento das diversidades sociais, políticas, econômicas e culturais. Há a possibilidade, segundo a autora, de fazermos uma relação entre o que esta





VII ENLIJE

escrito e a realidade vivenciada. Abramovich (2008) pontua que a partir do contato com um texto literário de qualidade a criança é capaz de pensar, perguntar, questionar, ouvir outras opiniões, debater e reformular seu pensamento. A desconstrução do preconceito é sempre uma tarefa difícil. Contudo, a literatura tem o poder de levantar questionamentos que são tabus sociais. É o que se apresenta no cordel *As mães de Karina*, ao levantar um questionamento sobre a adoção de crianças por casais homoafetivos.

O poema chama a atenção para o que de fato deve ser levado em consideração: o modo da criança deve ser tratada, com respeito, amor, proteção e acesso à educação. No referido cordel, tem-se a relação das mães com a filha:

Explicaram direitinho
Com olhares de alegria
Que as duas eram mães
Que a Karina amaria
E a menina inteligente
Concordava e já sorria.

Para casa forma juntas
E Karina emocionada
Viu seu quarto colorido
Sua cama era enfeitada
Parecia até castelo
De rainhas encantadas.

(ARRAES, 2014f, p. 4)

O poema acaba por tratar de um tema problemático no país. No Brasil, não existe lei que expressamente autorize a adoção por casais homoafetivos. Porém, decisões da Justiça brasileira garantem o direito, desde que os serviços de assistência social entendam que é para o bem da criança. Uma delas foi a determinação do STF em 2011, que, ao reconhecer a união civil entre pessoas do mesmo sexo, facilitou o processo. Mesmo assim, são mais comuns os casos de guarda única, onde apenas uma das pessoas do casal formaliza a adoção. Como o Estatuto da Criança e do Adolescente não trata especificamente do tema – apenas diz que é preciso apresentar reais vantagens para o adotado e ter motivos legítimos – as concessões têm ocorrido no país.

O texto poético reforça a ideia de que, para a criança, o importante é o carinho e proteção que os responsáveis dão, sejam papais ou mães, o que importa e deve vir em primeiro lugar, é a felicidade da criança e os direitos a ela garantidos. Outro ponto em evidência no poema é que o preconceito não nasce com a criança, esta deseja viver na segurança de um ambiente familiar.





VII ENLIJE

Considerações finais

A literatura traz consigo o poder de problematizar temas polêmicos da sociedade. Assuntos como morte, sexualidade, tristeza, violência, preconceitos, religião, dentre outros, não deveriam ser colocados distantes, mas vistos como uma oportunidade de se deslocar da vida imediata e uma possibilidade de encontro com o que ainda é desconhecido. Isso porque as crianças, desde que nascem, sonham, se angustiam, sentem medo e também fantasiam. Às vezes se calam, mas também sabem que podem falar e opinar.

Nos textos de cordéis estudados, encontra-se vinculadas críticas à sociedade, de forma que, instiga o leitor a repensar casos ou conceitos dispostos socialmente. A discriminação, seja pelo aspecto da orientação sexual ou de gênero, é um fato que ainda persiste no cotidiano brasileiro e, por serem temáticas sociais recorrentes, a literatura com seu viés social problematiza elencando questões a serem refletidas por todos. Com isto eleva-se o questionamento sobre as temáticas aqui postas através das produções da cordelista Jarid Arraes voltadas para o universo infantil, com destaque para a luta contra o preconceito nas relações de identidade e gênero.

Verifica-se, a partir dos folhetos de cordel, que questões relevantes e de repercussão no cotidiano devem ser lidos e interpretados como aliados para a construção de um novo olhar, principalmente para os temas que ainda são considerados complexos e tabus. Compreende-se, pois, a importância da leitura e da literatura para a formação da criança reafirmando que esta traz benefícios, pois além de possibilitar novas experiências à criança, ela enriquece, ajuda a enfrentar os problemas internos, diverte e contribui para o amadurecimento tanto intelectual como psicológico na infância.

Sendo assim, as representações em destaque nos cordéis infantis citados acabam por preencher uma lacuna ao dar voz ao silêncio que se faz sobre determinados assuntos como, por exemplo, as relações homoafetivas, machistas e preconceituosas que existem no cotidiano familiar e social da criança. No contexto de educação, ao usar a literatura para mediar essa relação do leitor com mundo, além de consolidar uma formação de leitor, também estimula o desejo pelo conhecimento e, ao encarar os 'temas difíceis', possibilita-se abrir espaço de liberdade para a criança propor suas ideias e reflexões.





VII ENLIJE

Um ponto relevante a se destacar é o fato de que, ao se caracterizar não só por uma riqueza estilística, como também as possibilidades de debate sobre a nossa realidade social, política e econômica, o texto literário de cordel tem sido instrumento presente também em salas de aula. O trabalho com a cultura popular e mais especificamente com a literatura de cordel possibilita ao aluno um contato com textos de sua origem cultural. Um aspecto importante é que esse contato não produz apenas um avanço nas habilidades de leitura e de escrita, permite também uma identificação com a mensagem cultural, produtora de cidadania.

Por fim, a leitura e reflexão a respeito de temas em torno da criança tornam-se relevantes, considerando a possibilidade de serem usados como uma das formas de autoconhecimento, conhecimento do outro, da realidade e do tempo em que vivemos, assim como do passado e da nossa herança cultural.

Referências

- ABRAMOWICZ, Anete. **Trabalhando a diferença na educação infantil**. São Paulo: Moderna, 2006.
- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2008.
- ALVES, R. M. Literatura de cordel: por que e para que trabalhar em sala de aula. **Revista Fórum Identidades**. 2008, ano 2, vol. 4, p. 103-109.
- ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- ARRAES, Jarid. **A lição que Sarinha deu em Zébedeu**. Literatura de Cordel, 2014a.
- _____. **A menina que não queria ser princesa**. Literatura de Cordel, 2014b.
- _____. **As mães de Karina**. Literatura de Cordel, 2014c.
- ARROYO, Leonardo. **Literatura Infantil Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1986.
- BRAGA, Eliane Rose Maio. A Questão do gênero e da sexualidade na educação. In: BORGES, Francisca Neuma Fecine. **Literatura popular nordestina**. Recife, MEC/Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1978 (Col. Folclore nº 61).
- BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BOSI, Eclea. **Cultura de massa e cultura popular**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- _____. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011, p. 171-193.





VII ENLIJE

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário de folclore brasileiro**. 10ª ed. Revisto, atualizado e ilustrado. São Paulo: Global Editora, 2001.

_____. **Literatura Oral no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympic, 1952.

CASTELLS, M. **O Poder da identidade**. Vol II. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre prática e representação**. Lisboa: Difel, 1990.

_____. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico In: **Estudos históricos**, Vol. 08, nº16. Rio de Janeiro, 1995.

CISNE, Mirla. *Feminismo e Consciência de Classe no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2014

COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: Teoria e Prática**. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, M. de L. B. Poesia infantil: uma linguagem lúdica. **Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil**. *Anais*. Porto Alegre: PUC, 2009.

HABERMAS, Jürgen. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1983.

HALL, Stuart. SOVIK, Liv (Org.). **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

_____. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

JODELET, D. (Org.) **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2001.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Contextos do saber – Representações, comunidades e cultura**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

YTEN, Joseph M. **O que é Literatura de Cordel?** São Paulo: Brasiliense, 2005.

LOURO, Guacira. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma abordagem pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MAGALHÃES, Belmira. O ensino de Literatura e a interconexão entre representação literária e história. In: **Leitura**. Maceió: Imprensa Universitária, UFAL, 2005.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. **Ideologia do Cordel**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

REDIN, Euclides. **O espaço e o tempo da criança**. Porto Alegre: Madição, 1998.

SILVA, M. Poesia infantil contemporânea: dimensão linguística e imaginário infantil. **Imaginário**. Universidade de São Paulo, São Paulo, vol. 12, n. 13, p. 358-380, 2006.

YUNES, Maria Ângela M. Panorama conceitual dos discursos sobre resiliência: Implicações para a educação. In **A motivação em diferentes cenários**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 173 -183.

